



Educação Matemática Inclusiva: Uma perspectiva do cenário brasileiro envolvendo pessoas com deficiência intelectual

Elcio Pasolini **Milli**

Instituto Federal do Espírito Santo

Brasil

elciopmilli@gmail.com

Edmar Reis **Thiengo**

Instituto Federal do Espírito Santo

Brasil

thiengo@ifes.edu.br

Resumo

Esse artigo objetiva apresentar os resultados de um mapeamento das práticas pedagógicas brasileiras para o ensino de Matemática envolvendo estudantes com deficiência intelectual publicadas em eventos da Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM). Trata-se do recorte de uma pesquisa de doutorado em Educação em Ciências e Matemática de cunho qualitativo com caráter documental pautada no método do mapeamento bibliográfico, embasada na Educação Matemática Inclusiva, visando o ensino de Matemática para todos, respeitando e valorizando as diferenças. Os resultados apontam grande diversidade dos materiais instrucionais, perpassando por malha quadriculada, Tampimática, palitos de picolé, elásticos, tampinhas, barbantes, lápis e canetas, materiais coloridos e com texturas, associados a metodologias variadas como estudo de caso, pesquisa-ensino, aulas dialogadas, método funcional da estimulação dupla, aulas investigativas e resolução de problemas. Verifica-se crescente número de pesquisas envolvendo pessoas com deficiência intelectual, já que representam mais de 60% do público atendido pela educação especial no cenário brasileiro.

Palavras-chave: Brasil; Educação Matemática Inclusiva; Deficiência Intelectual; Mapeamento; Diferença; Materiais Instrucionais; Metodologias de Ensino.

Introdução

As discussões sobre os direitos à educação pública de qualidade têm permeado o campo dos direitos humanos sendo considerado um direito fundamental para a formação humana. A educação é um importante aspecto, se não o mais importante, ao considerar o desenvolvimento de uma sociedade e seus cidadãos. Por isso torna-se fundamental pensar sobre o sistema educacional e como este é ofertado, garantindo o acesso, permanência e êxito de seu público.

Nesse sentido, os debates voltados para a educação para todos precisa pensar em grupos marginalizados e excluídos do sistema educacional. Repensando essas propostas, a fim de garantir o direito humano, muitas lutas e tensionamentos foram travados até atingirem um respaldo legal por meio de legislações específicas. Os avanços legais vêm se consolidando desde a década de 1990, com a Lei nº 9.394/1996 que estabeleceu as diretrizes e bases da educação nacional com um capítulo específico sobre a educação especial. Logo depois foi criada a Lei nº 10.098/2000, garantindo ao público da educação especial o direito ao acesso à educação. Em 2007, foi instituído a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPEI) e apenas em 2015, foi criado o Estatuto da Pessoa com Deficiência através da Lei nº 13.146/2015. Tal legalidade sustenta as pesquisas nessa área, porém ainda existem caminhos a serem percorridos e direções que precisam ser apontadas. Trata-se de um cenário de lutas de direitos em constante ameaças, como por exemplo a aprovação do Decreto nº 10.502/2020, que foi revogado pelo atual governo federal brasileiro, pois ensejava a segregação de alunos com deficiência em classes exclusivas.

O cenário brasileiro tem apresentado crescente demanda do número de matrículas do público atendido pela educação especial. De acordo com o as Sinopses Estatísticas da Educação Básica referente ao Censo Escolar de 2024. “O número de matrículas da educação especial chegou a 2,1 milhão em 2024, um aumento de 58,7% em relação a 2020. O maior número está no ensino fundamental, que concentra 61,9% dessas matrículas” (Brasil, 2025, p. 38).

Do público atendido pela educação especial, 53,7% são de estudantes com deficiência intelectual, reforçando ainda mais a importância dessa pesquisa. Desses estudantes, 92,6% estão matriculados em escolas regulares, o que aponta para a necessidade de investigações coletivas, pensando a sala de aula para todos. Nessa direção, vale ressaltar que prezamos por uma educação especial que seja ofertada na perspectiva da educação inclusiva, valorizando as matrículas em classes comuns associado a um atendimento educacional especializado (AEE) que contribua com a inclusão, perpassando diferentes modalidades de ensino.

Nesse sentido, com a finalidade de direcionar nosso estudo e buscar entender as demandas de um determinado grupo de estudantes, entendendo o contexto educacional brasileiro, trazemos nesse texto reflexões sobre o atendimento educacional de pessoas com deficiência intelectual voltadas para as práticas pedagógicas para o ensino de Matemática. Dessa forma, o objetivo desse texto é apresentar os resultados de um mapeamento das práticas pedagógicas brasileiras para o ensino de Matemática envolvendo estudantes com deficiência intelectual publicadas em eventos da Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM).

Reflexões sobre a Educação Matemática Inclusiva

Destacamos inicialmente que ao falar sobre educação inclusiva é preciso pensar num processo dinâmico, em evolução e em constante transformação. Torna-se necessário, como educadores, contribuir e participar como agentes desse processo para a construção de espaços plurais que possibilitem o diálogo entre as diferenças, particularmente as relacionadas ao ensinar e o aprender.

Skovsmose (2019) discorre sobre cenários que facilitam os encontros entre diferenças, trazendo a ideia de encontro como um movimento, possibilitando o uso da Matemática por meio de um atendimento educacional em tom de equidade, utilizando processos de investigação coletiva associados a um contexto imprevisível, valorizando o ser humano por meio da diferença. Trata-se de um espaço que não são esperados resultados a partir de um padrão, permitindo que os alunos assumam posturas autônomas no desenvolvimento de estratégias pedagógicas.

Nesse sentido, importa compreender o papel social de cada cidadão frente ao cenário que este está inserido, buscando romper com as hegemonias impostas pelos padrões da normalidade, a fim de superar as “desvantagens” construídas pelos grupos dominantes, frente as diferentes identidades. Healy e Powell (2013) contribuem com esse movimento e discutem sobre os aspectos que a Matemática pode alcançar para romper com a reprodução de discursos normativos e produzir conhecimento para criar resistência nos cenários de desvantagens e nos processos de ensino e aprendizagem. Os autores propõem a pensar as diferenças para além da deficiência, incluindo a linguagem, os artefatos culturais e as experiências sensoriais.

Alinhado com essa perspectiva, a Educação Matemática inclusiva pode proporcionar a construção de ambientes de aprendizagem em que as práticas de ensino possam estar objetivadas para atender em tom de equidade as necessidades de grupos específicos de alunos (Healy & Powell, 2013). E ainda, compreender que a deficiência é uma diferença e não uma desvantagem. É por meio de um discurso dominante e da construção da normalidade que a diferença passa a ser concebida como desvantagem. Precisamos desconstruir essas ideias que desvalorizam a diferença e criam obstáculos nos processos educacionais, impedindo o desenvolvendo pleno.

Subsidiando esse raciocínio, D’Ambrosio (2011, p. 208) discute a proposta de uma Educação Matemática para a paz e aponta para a possibilidade de uma “convivência harmoniosa dos diferentes, através de uma ética de respeito mútuo, solidariedade e cooperação”. Essa perspectiva educacional está diretamente ligada a Educação Matemática inclusiva ao pensar nas possibilidades de valorização da diversidade buscando eliminar os processos discriminatórios no cenário educacional. Assim, entendemos que o espaço educacional pautado no respeito, buscando um trabalho coletivo, solidário e em tom de cooperação, embasa os pressupostos inclusivos da própria essência de uma Educação Matemática para todos.

Percurso Metodológico

Para a produção dessa pesquisa adotamos uma metodologia de cunho qualitativo, do tipo mapeamento que “se preocupa mais com os aspectos descritivos de um campo de estudo do que com seus resultados” (Fiorentini, Passos & Lima, 2016, p. 18). Para tanto, recorreremos a três

grandes eventos promovidos pela SBEM: o Encontro Nacional de Educação Matemática (ENEM); o Seminário Internacional de Pesquisas em Educação Matemática (SIPEM); e o Encontro Nacional de Educação Matemática Inclusiva (ENEMI).

Foram consideradas todas as edições dos três eventos mencionados, analisando os anais das três edições do ENEMI, das nove edições do SIPEM e das quatorze edições do ENEM. Assim, o I ENEM define o início do recorte temporal por ser o evento mais antigo, tendo sua primeira edição realizada em fevereiro de 1987 na cidade de São Paulo e o IX SIPEM o final desse intervalo, sendo o último evento analisado, ocorrido em novembro de 2024, na cidade de Natal. Esse recorte representa um movimento educacional dos últimos 37 anos da história da Educação Matemática brasileira, que também é reflexo da própria organização da SBEM com sua fundação em 27 de janeiro de 1988, durante a segunda edição do ENEM, fato que organizou politicamente a representação da Educação Matemática no Brasil.

Para consolidar um corpus de análise, alguns aspectos no cenário do mapeamento foram organizados levando em consideração as premissas estabelecidas por Fiorentini, Passos e Lima (2016). Destacamos as definições dos termos de busca, definindo os descritores “deficiência intelectual”, “deficiente intelectual”, “deficiência mental”, “deficiente mental” e “síndrome”, que perpassam as discussões sobre o ensino de Matemática envolvendo estudantes com deficiência intelectual. Esses termos foram definidos para que representassem ou que pudessem trazer a temática da pesquisa considerando as investigações publicadas nos eventos, mesmo que num momento inicial não fosse a temática principal abordada no artigo, processo pelo qual permitiu melhor refinamento durante a fase de leitura e fichamento dos textos.

Para a identificação dos textos utilizamos como critério de inclusão a necessidade de conter ao menos um dos descritores, seja no título, no resumo, no corpo do texto ou nas referências. Na sequência, foram excluídos os artigos que não atendiam os objetivos da pesquisa. Por meio da leitura e fichamento do texto pudemos identificar os objetivos e abordagens de cada produção, já que para esse estudo nos interessou identificar práticas pedagógicas explícitas sobre o ensino de Matemática envolvendo pessoas com deficiência intelectual.

Resultados e Discussões

A característica de cada evento reverbera os tipos de trabalhos mapeados de acordo com a temática investigada. Por isso, entendemos que vale mencionar a representatividade de cada evento frente ao cenário da Educação Matemática brasileira. Os três eventos acontecem a cada três anos em anos distintos.

Considerando as representatividades de cada evento, destacamos o resultado do mapeamento seguindo os critérios e processos metodológicos, consolidando um corpus de análise de trabalhos que relatam práticas pedagógicas para o ensino de Matemática envolvendo estudantes com deficiência intelectual. A partir da busca com os descritores nos anais de cada evento foram selecionados um total de 119 trabalhos, sendo 41 do ENEM, 70 no ENEMI e apenas 8 no SIPEM.

A partir desse levantamento iniciamos o processo de filtragem e refinamento com o objetivo de consolidar o corpus de análise de acordo com os objetivos dessa pesquisa. Dentre os 119 trabalhos mapeados 35 foram excluídos por serem textos com focos em outras temáticas. Após essa primeira seleção restaram 84 trabalhos, que passaram para a fase seguinte de filtragem. Nesse momento foram excluídos os trabalhos que apesar de envolverem a temática principal da pesquisa fazendo discussões sobre deficiência intelectual ou ao menos perpassar por ela, investigaram de forma mais ampla a Educação Matemática inclusiva, utilizando metodologias ou propostas de pesquisas que não apresentaram experiências envolvendo práticas pedagógicas. Nessa etapa, 38 trabalhos foram excluídos, restando 47 para a fase seguinte.

E por fim, na última fase de filtragem, foram excluídos os trabalhos que apesar de envolverem discussões sobre as práticas pedagógicas para o ensino de Matemática envolvendo estudantes com deficiência intelectual não deixaram explícito a experiência prática desenvolvida junto aos estudantes, ou ainda, que fez reflexões gerais sobre a temática a partir de experiências docentes, mas que não foram relatadas no texto publicado. Dessa forma foram excluídos 12 trabalhos, restando 35 que de fato relatam e discutem práticas pedagógicas para o ensino de Matemática envolvendo estudantes com deficiência intelectual.

Dito isso, apresentamos o Quadro 1 com os 35 trabalhos mapeados e suas características e peculiaridades. Informamos autores, ano e evento de publicação, o título do artigo, os principais conceitos matemáticos abordados, o nível e/ou modalidade de ensino que a experiência foi realizada, juntamente com os principais materiais instrucionais e a abordagem metodológica utilizada na prática pedagógica para consolidação da pesquisa.

Tabela 1
Mapeamento das pesquisas: 1987 - 2024

| Autores /Ano Evento | Título do artigo | Campo da pesquisa | Materiais Utilizados | Abordagem Metodológica |
|--|--|---|--------------------------------------|---|
| Brettas (2013) XI ENEM | O desenvolvimento matemático de alunos com necessidades Educativas especiais no contexto sala de aula regular | Quatro operações Número | Lista de exercícios | Desenhos pictóricos e relógio |
| Yokoyama (2013) XI ENEM | Uma abordagem multissensorial para o desenvolvimento do Conceito de número em indivíduos com síndrome de Down | Quantificação até 10 elementos | Numicon | Aula investigativa |
| Rodrigues (2016) XII ENEM | Como o sujeito com síndrome de Down aprende matemática? | Números | Jogos e escritas | Aula dialogada |
| Milli & Palmeira (2016) XII ENEM | Estratégias em busca da aprendizagem matemática de alunos com deficiência intelectual no ensino médio | Quatro operações aritméticas | Lista de exercícios e desenhos | Aula dialogada e investigativa |
| Carvalho & Rodrigues (2016) XII ENEM | Intervenção com aluno portador de síndrome de Down: Potencialidades do Pibid matemática | Plano Cartesiano | Malha quadriculada | Aula dialogada e investigativa |
| Roncato & Fernandes (2016) XII ENEM | Cenário investigativo de aprendizagem matemática compondo a autonomia de vida de aprendizes | S. N. decimal e sistema monetário | Jogo Troca Dez | Cenários Investigativos |
| Reis, Jesus & Milli (2019) XIII ENEM | Aprendizagens de um estudante com deficiência intelectual sobre conceitos de aritmética à luz dos mecanismos compensatórios: primeiros olhares | Números e Operações | Tampimática | Método Funcional da Estimulação Dupla |

| | | | | |
|--|---|---|--|--|
| Milli & Thiengo (2019) XIII ENEM | A construção de quipos com um estudante com deficiência intelectual no proeja: desenvolvendo o pensamento aritmético | Pensamento Aritmético | Quipos, barbantes e nós | Método Funcional da Estimulação Dupla |
| Ferreira, Santos & Souza (2019) XIII ENEM | O uso do jogo dos prismas no processo de ensino – aprendizagem de matemática para alunos com deficiência intelectual | Prismas | Jogo dos prismas | Estudo de Caso |
| Maia & Soares (2019) XIII ENEM | Aprendizagem numérica da criança com síndrome de Down: um estudo de caso | Números | Palitos de picolé e tampinhas | Estudo de caso |
| Diogo (2019) I ENEMI | Ensino de geometria para uma estudante com deficiência intelectual | Área e Perímetro de figuras planas | Atividades escritas | Sequência Didática e Resolução de Problemas |
| Santos & Thiengo (2019) I ENEMI | Apropriação do Conceito de Números por um Estudante com síndrome de Williams a partir do Conceito de Compensação de Vigotski | Números | Jogos manipuláveis | Estudo de caso |
| Milli & Thiengo (2019) I ENEMI | Tampimática e o Pensamento Aritmético: um estudo de quantificação com um estudante com deficiência intelectual no Proeja | Quantificação numérica | Tampimática | Método Funcional da Estimulação Dupla |
| Sousa & Fernandes (2019) I ENEMI | Tangram: Uma proposta para o ensino de porcentagem a alunos com deficiência intelectual | Figuras planas | Tangram | Prática Experimental |
| Silva & Barros (2019) I ENEMI | Uma parceria universidade-escola: atividades em Sala de Recursos Multifuncionais | Pontos no Plano Cartesiano | Material Dourado | Exploração na Sala de Recursos Multifuncionais |
| Milli & Thiengo (2020) II ENEMI | O raciocínio aditivo de um estudante com deficiência intelectual: um estudo a partir do uso do Tampimática no Proeja | Operações de adição e subtração | Tampimática | Método Funcional da Estimulação Dupla |
| Diogo & Geller (2020) II ENEMI | Adaptação curricular e certificação diferenciada: inquietudes e possibilidades na educação inclusiva | Área e Perímetro de figuras planas | Atividades escritas | Sequência Didática e Resolução de Problemas |
| Souza & Bandeira (2020) II ENEMI | Função exponencial no estudo da Mitose: uma abordagem de aprendizagem inclusiva com o uso de recursos didáticos adaptados/Tecnologia Assistiva | Função exponencial | Jogo confeccionado em EVA | Sequência Didática |
| Reis, Jesus & Milli (2020) II ENEMI | A interação social no Proeja: Aprendizagens sobre conceitos geométricos de um estudante com deficiência intelectual | Área, Perímetro de Figuras Planas e Unidades de Medidas | Atividades escritas e malha quadriculada | Método Funcional da Estimulação Dupla |
| Felichak & Pin (2020) II ENEMI | Uso do Multiplano para o ensino de gráficos: uma proposta de atividade para um aluno com TEA | Gráficos de Funções | Multiplano | Aula dialogada e investigativa |
| Angelino & Fernandes (2022) XIV ENEM | Educação Matemática Inclusiva e Cultura Lúdica: uma simbiose entre corpo e movimento na Educação Infantil | Multiplicação com números naturais | Varal dos números e música | Construção de saberes e Numeracia |
| Mendes & Costa (2022) XIV ENEM | Recurso Prancha da Divisão aplicada com aluno com Deficiência Intelectual | Divisão | Prancha da Divisão | Aula dialogada e investigativa |
| Castro & Bandeira (2022) XIV ENEM | Relatos de experiência sobre as práticas matemáticas inclusivas nos anos iniciais: Reflexões geradas na Educação Especial promovida pela SBEM aos docentes de maneira remota como formação continuada | Número decimal | Tabela e Quadro Numérico | Aula dialogada |

| | | | | |
|--|--|--------------------------------------|--|--|
| Rodrigues & Milli (2022) XIV ENEM | O processo de contagem e a utilização de recursos didáticos envolvendo estudantes atendidos na educação especial | Números e Operações | Placas e Torres de Contagem | Pesquisa-Ensino |
| Barcellos, Campos Bragança & Paiva (2023) III ENEMI | Vivências de investigação do conceito de área em atendimento educacional especializado: estudante com deficiência intelectual e estudante com transtorno do espectro autista | Conceito de área | Materiais Manipuláveis: quadrados em cartolina | Concept Study |
| Cardoso & Sales (2023) III ENEMI | Ensino de matemática para estudantes com deficiência intelectual: um estudo de caso | Sistema Monetário | Jogos, cédulas e moedas | Estudo de Caso e Sequência de tarefas |
| Torres, Palmeira & Thiengo (2023) III ENEMI | Jogos pedagógicos no ensino médio: uma experiência junto a um aprendiz com deficiência intelectual | Números e Operações Artiméticas | Jogos manipuláveis | Prática Experimental |
| Pederzini, Albani & Corrêa (2023) III ENEMI | Matemática ao alcance de todos: levando a inclusão para a sala de aula | Raciocínio lógico matemático | Jogo manipulável africano | Roda de Conversa |
| Jesus, Lima & Thiengo (2023) III ENEMI | Matemática e dominó de frações: uma experiência junto a crianças com deficiência intelectual no programa de residência pedagógica | Frações | Dominós de Frações | Metodologia do Lúdico |
| Angelino & Fernandes (2023) III ENEMI | Matemática, corpo, movimento, brincadeira: Vivências multissensoriais para a educação infantil | Números e Quantificação | Painel numérico Música e Teatro | Cenários Inclusivos para Aprendizagem Matemática |
| Rodrigues & Milli (2023) III ENEMI | O ensino de matemática envolvendo estudantes com deficiência intelectual: uma experiência com o material didático “mãozinhas adicionais” no campo aritmético | Números e Quantificação | Mãozinhas adicionais | Pesquisa-Ensino |
| Velmer, Lima & Thiengo (2023) III ENEMI | Trabalhando operações aritméticas básicas junto a estudantes com deficiência intelectual: experiências no Programa Residência Pedagógica | Operações aritméticas | Material Dourado Dominó da Tabuada | Prática Experimental |
| Nomura, Silveira & Vellasco-Gomes (2023) III ENEMI | Um relato de propostas didáticas em Geometria Plana com um estudante com Síndrome de Down no Ensino Fundamental | Figuras Geométricas Planas | GeoGebra GeoPlano ímãs e barbantes | Oficinas |
| Nomura, Silveira, Cajuella & Vellasco- (2023) III ENEMI | Uso de Tecnologias Digitais no ensino e aprendizagem de Matemática para alunos Público-Alvo da Educação Especial | Números e Operações e Figuras Planas | Jogos digitais | Jogos no ensino de matemática |
| Milli, Dantas, Santos & Thiengo (2024) IX SIPEM | Discussões Luso-Brasileiras com o Tampimática: Implementação de um curso universitário inclusivo envolvendo estudantes com deficiência intelectual do Programa Individual de Estudos Multidisciplinares (PIEM) | Sistema Decimal e Monetário | Tampimática | Estudo de Caso |

Fonte: Produção dos autores 2024.

Frente a esse quadro, alguns dados iniciais podem ser mencionados. Um primeiro deles se refere as produções mapeadas estarem concentradas nos últimos cinco anos, considerando o intervalo de 2019 a 2024. Tal fato coincide com o ano de criação do ENEMI, o que mostra a importância de grupos de discussão na perspectiva da Educação Matemática inclusiva.

Por outro lado, temos uma diversificação dos recursos instrucionais e das metodologias de ensino empregadas nas práticas pedagógicas mapeadas. De acordo com Milli e Thiengo (2021) existem demandas no cenário internacional apontando necessidades do refinamento de materiais instrucionais e do aprimoramento dos processos metodológicos de ensino de Matemática. Ao analisar os trabalhos mapeados percebemos grande diversidade desses materiais, perpassando por malha quadriculada, Tampimática, palitos de picolé, tampinhas, barbantes, lápis e canetas, materiais coloridos e com texturas, associados a metodologias variadas como o estudo de caso, aulas dialogadas, pesquisa-ensino, método funcional da estimulação dupla, aulas investigativas e resolução de problemas.

Nessa direção, nos cabe algumas reflexões: Seria um caminho o aprimoramento de materiais instrucionais para o ensino de Matemática envolvendo alunos com deficiência intelectual? A diversidade dessas práticas pedagógicas envolvendo estudantes com deficiência intelectual refletem a diversidade e pluralidade dos próprios estudantes? A representatividade da diversidade e das diferenças presentes nas relações sociais se torna um espaço potente em contato com o outro? Esperamos que essas e outras reflexões possam movimentar essa pesquisa de doutorado e, também, nossas reponsabilidades como educadores matemáticos.

Considerações

Ao finalizar esse mapeamento frente essas produções bibliográficas, verificamos a diversidade dos trabalhos e as demandas ao desenvolver práticas pedagógicas para o ensino de Matemática envolvendo estudantes com deficiência intelectual. Essas experiências apresentadas nos mostram possibilidades do trabalho pedagógico e como esse campo do conhecimento tem ganhado espaço nas pesquisas acadêmicas. Ainda temos muitos desafios para lutar por uma Educação Matemática para todos. E enquanto educadores matemáticos, o que temos feito para mudar nossas diferentes realidades?

Nesse sentido, cabe refletir sobre nossas particularidades enquanto professores em nossas salas de aula e enquanto grupo docente de educadores e pesquisadores frente as representativas políticas de interesses enquanto classe. Ao pensar a educação na perspectiva inclusiva torna-se necessário pensar em todos. Desejamos uma produção de conhecimento sobre ensino de Matemática por meio da Educação Matemática inclusiva valorizando a profissionalização do trabalho docente, onde todos podem aprender Matemática, do seu jeito e a seu tempo.

Referências e bibliografia

- Brasil. (2015). *Lei nº 13146/15. Lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência - Estatuto da pessoa com deficiência*. Brasília: SEF.
- Brasil. (2025). *Censo escolar da educação básica 2024: resumo técnico* / Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Brasília: O Instituto.
- D'Ambrosio, U. (2011). *Educação matemática: Da teoria à prática* (17. ed.). São Paulo: Papirus.
- Fiorentini, D., Passos, C. L. B., & Lima, R. C. R. de. (2016). *Mapeamento da pesquisa acadêmica brasileira sobre o professor que ensina matemática: período 2001 - 2012*. Campinas: FE/UNICAMP.
- Healy, L., & Powell, A. (2013). Understanding and overcoming “disadvantage” in learning mathematics. In M. A. (Ken) Clements et al. (Eds.), *Third International Handbook of Mathematics Education* (pp. 69-100).
- Milli, E. P., & Thiengo, E. R. (2021). Uma revisão sistemática de literatura sobre pesquisas que mapearam trabalhos envolvendo aprendizagens de conceitos matemáticos de alunos com deficiência intelectual. *In Anais do VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Educação Matemática*. Uberlândia.

- Nascimento, S. R. M. B. do, & Szmanski, M. L. S. (2013). Deficiência mental ou intelectual? Implicações no uso das nomenclaturas. *In Anais do XI Congresso Nacional de Educação*. Curitiba.
- Skovsmose, O. (2017). O que poderia significar a educação matemática crítica para diferentes grupos de estudantes? *Revista Paranaense de Educação Matemática*, 6(12), 18-37.
- Skovsmose, O. (2019). Inclusões, encontros e cenários. *Educação Matemática em Revista*, 64, (pp. 16-32).